



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

OS GÊNEROS TEXTUAIS E A SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cláudia Ribeiro Damasceno, graduanda em Pedagogia, UNEB
Eliane Santos Pereira, graduanda em Pedagogia, UNEB

RESUMO: Este artigo tem o intuito de apresentar a prática desenvolvida no período de Estágio sobre o uso dos gêneros textuais como recurso pedagógico para aprimorar a leitura do educando, bem como refletir sobre as contribuições do estágio para a formação do professor. Tem como base a teoria dos seguintes autores: Pimenta e Lima (2004); Bazerman (2005); Paulo Freire (2006); Koch (2002); Morais (1996), entre outros. A metodologia utilizada foram discussões teóricas, observações e regência no espaço da escola. Sendo que o trabalho com os gêneros textuais permitiu perceber a participação efetiva dos alunos nos momentos de leitura, produção de textos e exposição oral em sala de aula. Assim, a prática proporcionada pelo Estágio possibilitou aprender a profissão, construir a identidade profissional e também colocar em prática os fundamentos teóricos aprendidos na Universidade, correlacionando-os ao cotidiano escolar, o que colabora com a formação do professor. Palavras-chave: Estágio. Prática. Gêneros Textuais.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar a prática desenvolvida no período de Estágio sobre o uso dos gêneros textuais como recurso pedagógico para aprimorar a leitura do educando, bem como refletir sobre as contribuições do Estágio para a formação do professor.

As discussões teóricas a respeito do Estágio e dos documentos legais das Séries Iniciais do Ensino Fundamental na Universidade, seguida do período de observação e da regência no espaço da escola, foram os caminhos metodológicos que permitiram a elaboração deste artigo.

Assim, o Estágio foi desenvolvido com uma turma de 20 alunos, do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Getúlio Vargas, localizada no Município de Valença/BA, no qual, buscou-se relacionar a demanda no processo de aprendizagem destes com os Gêneros Textuais, pois, constatou-se a necessidade de explorar a leitura e a interpretação de textos.

Para conhecer as necessidades de aprendizagem dos alunos e a realidade da escola foram feitas observações no espaço da instituição, onde por meio de um diagnóstico, constatou-se que alguns alunos demonstraram dificuldades de leitura e interpretação de texto. E através



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

dessa análise foi possibilitado fazer uma reflexão sobre o problema, o qual gerou à hipótese de que a razão deste estaria no pouco acesso dos alunos aos diversos gêneros textuais, pois as aulas centravam-se, principalmente, no uso do livro didático.

Sendo que os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs (1997, p.70), afirmam que “desde o primeiro ciclo, é preciso que os alunos leiam diferentes textos” e “a seleção do material de leitura deve ter como critérios: a variedade de gêneros”, para possibilitar o interesse do aluno ao conteúdo apresentado e conseqüentemente tornar a aprendizagem mais significativa.

Em conformidade com os PCNs (1997) e com a necessidade apresentada pela turma observada, optou-se pelos gêneros textuais por estes possibilitarem que o leitor construa o seu conhecimento por meio de uma variedade de textos que estão presentes no seu cotidiano social, bem como permitir mostrar a função dos mesmos na comunicação.

Dessa forma, os objetivos do plano de ação elaborado a partir do diagnóstico e desenvolvido no momento da regência foram: estudar as diversas áreas do conhecimento a partir dos gêneros textuais, conhecendo e classificando estes, exercitando o ato de ler, refletindo sobre os conteúdos apresentados, bem como utilizar os gêneros textuais de forma articulada entre as disciplinas. Pois, sabe-se que a leitura se estimulada de forma criativa, pode possibilitar a descoberta do prazer de ler, a utilização da escrita em contextos sociais e a inserção da criança no mundo letrado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estágio como componente curricular é, em muitos casos, o primeiro contato que o estudante de pedagogia tem com o seu futuro campo de atuação. Onde por meio da observação, da participação e da regência, o estagiário poderá refletir sobre a profissão e também aprender com aqueles que já possuem experiência na área, pois esta etapa também contribui para a formação de quem ainda não é professor.

Pimenta e Lima (2004) afirmam que o estágio é um campo de conhecimento que permite ao licenciando se apropriar de instrumentos teóricos e metodológicos para compreender a escola em seu contexto na sociedade, contribuindo assim no seu processo de formação docente. Para as autoras

Essa formação tem por objetivo preparar o estagiário para a realização de atividades nas escolas, com os professores nas salas de aula, bem como para o exercício de análise, avaliação e crítica que possibilite a proposição de projetos de intervenção a



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

partir dos desafios e dificuldades em que a rotina do estágio nas escolas revela. (PIMENTA E LIMA, 2004, p. 102)

Nesse processo a formação do estagiário tornar-se-á mais significativa quando essas experiências forem socializadas em sua sala de aula com seus colegas, produzindo discussão, possibilitando uma reflexão crítica, construindo a sua identidade e lançando, dessa forma, uma nova visão sobre a profissão, o ensino, a aprendizagem e a realidade da escola em nossa sociedade.

Sabe-se que compõe o estágio, o período de observação que é uma etapa necessária para a elaboração do plano de ação, pois, para que o docente alcance resultado significativo na sua prática pedagógica durante a regência é relevante que ocorra uma postura investigativa com um olhar atento ao contexto escolar, onde este compreenderá o que ocorre no cotidiano da escola, tendo em vista esta ser uma exigência para qualquer prática a ser desenvolvida, como afirmam Pimenta e Lima (2004, p.104), “compreender a escola em seu cotidiano é condição para qualquer projeto de intervenção, pois o ato de ensinar requer um trabalho específico e reflexão mais ampla sobre a ação pedagógica que ali se desenvolve”.

Diante disto, durante o período de observação na escola foi percebido que alguns alunos demonstraram dificuldades de leitura e interpretação de texto. E através desse diagnóstico optou-se por trabalhar com os gêneros textuais, para tanto, tomou-se como base os pressupostos de Bazerman (2005, p.106) que diz que: “cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando”.

Ao analisar a perspectiva de Bazerman (2005), percebe-se que a leitura vai além do entendimento das ideias do autor, ela requer do leitor reflexão e posicionamento crítico frente às situações de leitura. Assim, o professor deve estimular no aluno o desenvolvimento dessa capacidade de reflexão e criticidade por meio dos gêneros textuais que lhe permita fazer uma relação do que ele está lendo com a sua realidade, mostrando também a função dos mesmos para comunicação usual no seu cotidiano.

Nesses momentos de leitura, pode-se utilizar os gêneros textuais como recurso pedagógico para estudar as diferentes áreas de conhecimento, pois segundo Bakhtin citado por Marcushi (2005, p. 25) os gêneros textuais são definidos como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades e práticas sociais e em



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

domínios discursivos específicos”. Nesse aspecto, os gêneros textuais contribuem na construção do conhecimento do aluno, pois, é por meio dele que estes educandos têm contato com os textos presentes em seu cotidiano social.

Nas situações de leitura é importante que o professor permita que o educando exponha as suas impressões sobre o texto, levando-o a refletir também sobre o contexto lido, o que estimulará o aluno a ampliar o seu repertório de leitura. Assim, Paulo Freire (2006, p.11) cita que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra [...]” por tanto, se faz necessário que o educador trabalhe as possibilidades de leitura partindo do cotidiano do aluno.

Dessa forma, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997) compete à escola possibilitar o acesso do aluno aos variados textos, ensinando também a produzi-los e a interpretá-los em todas as disciplinas nas quais os educandos têm contato sistematicamente no cotidiano escolar, pois não há um trabalho planejado com esse fim.

Um exemplo: nas aulas de Língua Portuguesa, não se ensina a trabalhar com textos expositivos como os das áreas de História, Geografia e Ciências Naturais; e nessas aulas também não, pois considera-se que trabalhar com textos é uma atividade específica da área de Língua Portuguesa. Em consequência, o aluno não se torna capaz de utilizar textos cuja finalidade seja compreender um conceito, apresentar uma informação nova, descrever um problema, comparar diferentes pontos de vista, argumentar a favor ou contra uma determinada hipótese ou teoria. (BRASIL, 1997, p.26)

Desenvolver esta capacidade nos alunos permite uma aprendizagem com autonomia, pois possibilita aprender a ler a partir do acesso aos diferentes conteúdos. É nesse sentido, que “todas as disciplinas têm a responsabilidade de ensinar a utilizar os textos de que fazem uso, mas é a de Língua Portuguesa que deve tomar para si o papel de fazê-lo de modo mais sistemático.” (BRASIL, 1997, p.26)

A leitura não pode estar voltada exclusivamente para o momento de instrumentalização, em que se tem como objetivo o domínio do código e a quantidade de leituras que são praticadas nas escolas. Uma questão fundamental para o ensino nas séries iniciais é tratar do processo de interação leitura e construção do sentido da mesma. Dessa maneira, Koch (2002) traz que “não basta conhecer o significado literal das palavras ou sentenças de uma língua: é preciso saber reconhecer todos os seus empregos possíveis, que podem variar de acordo com as intenções do falante e as circunstâncias de sua produção”. Assim, a leitura deve ultrapassar o nível da etapa inicial de decodificação ainda no ensino regular básico, somente dessa maneira os alunos poderão apropriar-se da leitura com precisão.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

O aluno também deve adquirir o gosto pela leitura e cabe ao professor promover esta descoberta apresentando diferentes formas de gêneros textuais, evitando uso apenas de um gênero, para que assim, os leitores possam se identificar com um destes e para ter uma aprendizagem significativa.

Cagliari (1988), ao discutir a leitura nas séries iniciais, afirma que os professores deveriam ler algo diariamente para seus alunos, procurando diversificar os textos utilizados na sala de aula. Dessa forma, recomenda-se

Não ler só histórias, mas também coisas sérias, como uma notícia, um texto científico ou tecnológico, por exemplo, a história de quem inventou a lâmpada, a máquina de escrever, etc. Ler não apenas uma história onde os personagens são animais... mas, também texto de zoologia a respeito dos animais. (CAGLIARI, 1988, p. 09).

Nestas ocasiões, mais próprias para a etapa onde o código escrito ainda não é completamente dominado pelos alunos, textos com estas qualidades poderiam auxiliar a explorar as características dos conceitos primitivos – espaço, tempo, matéria viva e não viva – e um dos conceitos unificadores, qual seja o de “processo de transformação”. (ANGOTTI, 1991; São Paulo, 1992).

Já para os alunos, que começam a dominar o código escrito, a leitura propicia o desenvolvimento cognitivo do educando, abrindo uma janela para conhecimentos que a conversação sobre outras atividades cotidianas não consegue comunicar. Em complemento, Morais (1996) afirma que a leitura

permite estabelecer associações esclarecedoras entre a experiência dos outros e a sua própria estrutura de história contada, pelas questões e comentários que ela sugere, pelos resumos que provoca, ela ensina a compreender melhor os fatos e atos, a melhor organizar e reter informações, a melhor elaborar os roteiros e esquemas mentais (MORAIS, 1996: 171).

De acordo com os PCNs (1997), a leitura é uma prática social complexa, que para ser trabalhada na escola como objeto de aprendizagem, precisa ser significativa para o aluno, para isso, deve-se manter a natureza e a complexidade da mesma, sem descaracterizá-la, ou seja, trabalhar com a funcionalidade da leitura, mostrando para o aluno o objetivo e as diferentes modalidades textuais, pois ler serve para: “resolver um problema prático, informar-se, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto — e com as diferentes formas de leitura em função de diferentes objetivos e gêneros” (BRASIL, 1997, p.41).



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Logo, é preciso formar cidadãos capazes de interpretar textos, mas para isso é preciso que a escola faça um planejamento, oferecendo materiais de qualidade e práticas de leitura eficazes, permitindo assim, que os alunos interajam de maneira significativa com os mesmos.

Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. (BRASIL, 1997, p.41-42)

Para que exista constantemente uma prática de leitura na escola, se faz necessário planejar um trabalho com uma diversidade de objetivos, estes exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez, exige uma modalidade de leitura. Desse modo, a escola pode formar um leitor “que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos”. (BRASIL, 1997, p.41)

Portanto, são propostas didáticas favoráveis á leitura: escolher um momento para contar histórias, curiosidades científicas, notícias etc; permitir que os alunos indiquem o que quer ler, disponibilizando o material para ler em casa, além de estimular a leitura em voz alta, na classe. Quando relacionado ao conteúdo, pode incluir também uma breve caracterização da obra do autor ou curiosidades sobre sua vida. Promover “roda de leitores” onde cada um “relata suas impressões, comenta o que gostou ou não, o que pensou, sugere outros títulos do mesmo autor ou conta uma pequena parte da história para “vender” o livro que o entusiasmou aos colegas”. (BRASIL, 1997, p.46-47)

A EXPERIÊNCIA COM OS GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA

No desenvolvimento das ações de Estágio foram elaborados quinze planejamentos para serem trabalhados durante três semanas, todos relacionados aos gêneros textuais e aos conteúdos das diferentes áreas do conhecimento programado pela escola. Aqui, descrevemos algumas experiências que consideramos que foi significativa para a aprendizagem dos alunos.

Sendo que, em geral, foram utilizados gêneros textuais adequados para o trabalho com a linguagem oral e escrita, tais como: bilhete, charge, cardápios, poemas, cantigas, parlendas,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

adivinhas, trava-línguas, artigos, entrevistas, reportagens, notícias, classificados, anúncios, conta de energia, cartazes, mapas, convites, guia turístico, verbetes, legendas entre outros.

A primeira atividade que propomos à turma, na aula de português, foi o trabalho com o bilhete. Com esta proposta os alunos leram, identificaram as características de um bilhete, entenderam a função deste no cotidiano, escreveram e reconheceram a necessidade de se produzir textos adequados para se comunicar.

No primeiro momento, fizemos o encaminhamento, um dia antes do início da regência, de um bilhete para os alunos avisando-os sobre o começo das nossas aulas como estagiárias. No dia da aula prevista, cumprimentamos a turma e perguntamos se tinham recebido o nosso bilhete. Todos afirmaram tê-lo recebido. Com a resposta positiva, questionamos os alunos a respeito desse gênero textual, através de perguntas como: O que o bilhete informava? Quem o havia mandado? Quando ele foi escrito? Todas as informações estavam claras? Pelas respostas foi possível perceber que os alunos tinham lido o bilhete. Partindo novamente da leitura deste, analisamos a função de cada parte que o compõe. As observações sobre a data, o destinatário, a mensagem, a despedida e o nome do remetente foram anotadas no quadro.

Em seguida, propomos aos alunos a elaboração coletiva de outro bilhete, a fim de que a turma avisasse à direção da escola sobre o início das nossas aulas. Assim, sob a nossa orientação, a turma foi construindo oralmente o bilhete, enquanto um aluno ia escrevendo no quadro e outro copiava o bilhete, realizado por todos, em uma folha de papel para ser encaminhado para a diretora.

Para finalizar, solicitamos que, individualmente, escolhessem uma pessoa para a qual quisessem entregar um bilhete, vários alunos escreveram para a professora regente da turma. Corrigimos com cada aluno os erros de ortografia e depois todos entregaram as suas produções para o seu destinatário.

Na aula de matemática, que teve como tema a geometria, especificamente as retas, utilizamos as adivinhas e o poema como recurso pedagógico para o estudo do tema. O objetivo foi favorecer que os alunos entendessem o que são retas, segmentos de retas, semirretas e perímetro.

Iniciamos com a dinâmica do “rolo de barbante” com o intuito de realizar o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema. A dinâmica foi desenvolvida com um rolo de barbante e uma caixa de sapato que continha no seu interior



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

tirinhas de papel com adivinhas escritas em cada uma delas. Assim, com os alunos sentados em círculo no chão da sala começamos a proposta. O aluno iniciante da brincadeira retirava de dentro da caixa uma tira de papel, segurava a ponta do barbante, jogava o rolo para o colega e lia a adivinha para este responder. Depois de responder, o aluno, segurando o fio do barbante, tinha que também retirar outra tirinha com a adivinha e jogar o rolo de barbante para o terceiro participante dar a resposta, e assim sucessivamente. Ao final da dinâmica solicitamos que os alunos observassem o que tinha se formado com o cruzamento dos fios do barbante, todos responderam que havia formado uma enorme teia de aranha. A partir de então, questionamos de que objeto geométrico a teia de aranha foi formada. Alguns responderam que era por retas.

Feito a sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos, realizamos uma aula expositiva, a fim de explicitar os conceitos de retas, segmento de retas, semirretas e perímetro. Logo após, trabalhamos com o poema 'A linha Assanhada', do qual os alunos realizaram a leitura em voz alta, depois solicitamos que eles formassem, com pedaços de fios de barbante, figuras geométricas que o poema sugeria fazer com uma linha. Todos se empenharam em realizar a atividade e colaram as figuras em uma folha de papel para compartilhar a experiência com todos. Em seguida, solicitamos que cada aluno de posse de uma régua medisse os segmentos de retas da sua figura, registrando no caderno as medidas de cada lado e no fim somassem as medidas dos lados para encontrar o perímetro da referida figura.

Para finalizar, propomos outra atividade para ser realizada em sala, dessa forma distribuímos uma atividade com figuras geométricas, em que os alunos mediram os segmentos de retas e determinaram o perímetro destas, finalizando com a socialização dos resultados encontrados e a correção necessária destes.

Já na aula de geografia, trabalhamos com o tema orientação geográfica, incluindo como gênero textual para leitura o cordel "Geografia em rima" de Juarês Alencar Pereira. Os nossos objetivos com a aula foi aprimorar os conhecimentos dos alunos sobre os pontos cardeais, através da leitura de um cordel sobre orientação geográfica, da montagem de um quebra-cabeça da Rosa dos Ventos e da localização dos pontos de referências presentes ao redor da escola. As atividades possibilitaram aos alunos perceberem a importância de conhecer os pontos cardeais para se orientar no espaço geográfico.

Assim, no primeiro momento, realizamos uma sondagem diagnóstica para identificarmos os conhecimentos prévios dos alunos. Iniciamos com uma dinâmica que



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

trabalha a lateralidade (esquerda, direita frente e traz), para isso organizamos a turma em fileiras e entregamos uma bexiga cheia e solicitamos que os alunos passassem a bola para a direção que foi indicada. Depois pedimos que passassem a bexiga de acordo com as orientações dos pontos cardeais norte, sul, leste e oeste. Através do desenvolvimento da atividade, observamos que os alunos não tiveram dificuldade com a experiência da lateralidade, porém, ficaram confusos com as orientações dos pontos cardeais.

Diante dos resultados da sondagem, realizamos uma aula expositiva sobre os pontos cardeais, e em seguida foi proposto que os alunos fizessem o desenho do corpo humano no papel metro e indicassem os pontos cardeais no referido desenho. Feito a atividade, solicitamos a leitura e interpretação de um cordel “Geografia em rima” de Juarês Alencar Pereira, discutindo sobre o tema que o autor trata que é a orientação geográfica.

No último momento, foi realizada uma tarefa em equipe na sala de aula. Assim, dividimos a turma em quatro equipes, distribuimos quebra-cabeças da rosa dos ventos para que as equipes montassem. Posteriormente, as equipes realizaram outra atividade, sendo esta para localizar os pontos de referência que estão ao redor da escola, utilizando, para isso, a rosa dos ventos para identificar a posição (norte, sul, leste ou oeste) que estes pontos estavam localizados em relação ao posicionamento da escola. Em seguida, os alunos socializaram as informações.

Quanto a aula de Ciências foi abordado o tema a energia elétrica associada aos gêneros textuais reportagens, verbetes e roteiro de instrução com o objetivo de possibilitar aos alunos entender os conceitos relacionados a eletricidade e conhecer o funcionamento de um circuito elétrico montando um esquema deste circuito no espaço da sala de aula.

No primeiro momento, foi realizada uma leitura coletiva, em que todos os alunos participaram lendo reportagens sobre a eletricidade, também distribuimos dicionários para eles pesquisarem as palavras desconhecidas e ao final realizamos uma discussão a respeito do que a reportagem tratava.

No momento seguinte, fizemos uma aula expositiva para discorrer sobre corrente elétrica e circuito elétrico, onde os alunos também tiram dúvidas sobre os materiais e objetos condutores e isolantes de corrente elétrica.

Em seguida, dividimos a turma em quatro equipes e a cada uma delas entregamos um roteiro e materiais diversos tais como: pilha grande, lâmpada pequena e fio de cobre, depois solicitamos que realizassem a experiência de construção de um circuito elétrico. A atividade



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

envolveu todos os alunos, pois participam lendo o roteiro e construindo o circuito sem dificuldade. Para concluir, os alunos tiveram que responder a um questionário baseado na atividade com o intuito de promover a reflexão sobre a prática desenvolvida relacionando aos conceitos estudados sobre a eletricidade, ao final todas as equipes socializaram as respostas obtidas com a experiência.

Por fim, na aula de história foi abordada a História do município de Valença através da leitura de reportagens, poemas e artigos que possibilitaram aos alunos conhecer a história de Valença e realizar um cartaz destacando os principais aspectos históricos do município citado.

Assim, iniciamos dividindo a turma em cinco grupos e distribuimos os gêneros textuais para cada grupo realizar a leitura e pontuar as partes que acharam interessante para compartilhar com todos. Após o momento de leitura, abrimos espaço para as trocas de informação e discussões sobre a história do município de Valença.

No momento seguinte, solicitamos que os alunos elaborassem um cartaz destacando os aspectos históricos encontrados sobre o município de Valença para expor para a turma o resultado do cartaz produzido em sala.

RESULTADOS

Os objetivos do plano de ação foram estudar as diversas áreas do conhecimento a partir dos gêneros textuais, conhecendo e classificando estes, exercitando o ato de ler, refletindo sobre os conteúdos apresentados, bem como utilizar os gêneros textuais de forma articulada entre as disciplinas.

Logo, durante os momentos de produção de texto, leitura e exposição oral, pode-se notar que os alunos conseguiram compreender e classificar os diversos gêneros textuais que foram apresentados em todas as áreas de conhecimento, bem como estudaram os conteúdos contidos nesses textos. Portanto, os objetivos traçados foram alcançados.

No que se refere a metodologia utilizada considera-se que esta foi adequada, no entanto, durante o desenvolvimento do que foi planejado, surgiram alguns imprevistos no contexto da sala de aula, que foram contornados com adaptações necessárias para que as atividades fossem concretizadas dentro da proposta do plano.

Dessa forma, trabalhar com os gêneros textuais foi válido, mesmo não sendo possível realizar todas as atividades planejadas, pois percebemos a participação efetiva dos alunos



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

durante os momentos de leitura, produção de textos e exposição oral destes em sala de aula, no qual ficou visível o interesse destes educandos com as atividades lhes foram apresentada. Portanto, avalia-se que a prática foi desenvolvida com êxito na maioria do que foi proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio foi muito significativo e de grande aprendizado, mesmo em meio às dificuldades este se configurou como um momento que possibilitou aprender a profissão, construir a identidade profissional e de também colocar em prática os fundamentos teóricos aprendidos na academia, correlacionando-os ao cotidiano escolar, o que colaborou com a nossa formação enquanto professoras.

Inicialmente, os sentimentos que prevaleciam era o medo e a insegurança de não conseguir dar aula. Primeiro, porque como o estágio ocorreu com uma turma do 5º ano, tivemos o receio de não dominar os conhecimentos específicos das várias áreas que esta etapa do ensino exige. Segundo, sentimos insegurança quanto aos métodos para trabalhar de forma articulada o tema proposto ‘gêneros textuais’ com as áreas de matemática, ciências, geografia entre outras.

Entretanto, junto a estes sentimentos, veio a vontade de superar as dificuldades, o que nos motivou partir para um intenso trabalho de pesquisa que nos permitiu levar o projeto adiante e concluí-lo com êxito. Deixando-nos com isto a aprendizagem do quanto é importante a pesquisa para que o trabalho pedagógico tenha a possibilidade de alcançar resultados positivos em sala de aula.

Esses resultados foram demonstrados na prática, onde durante os momentos de leitura dos diversos gêneros textuais e produção destes, notamos a participação e interesses dos alunos em realizar as atividades que foram propostas, bem como a aprendizagem dos conteúdos programados pela escola.

Assim, foi pensando em obter este retorno dos alunos que planejamos as aulas com o intuito de realizá-las conforme delineamos, porém, no decorrer da nossa atuação surgiram imprevistos que foram contornados, a fim de desenvolver os trabalhos conforme a situação apresentada na escola. Essa experiência mostrou que no cotidiano escolar pode surgir o inesperado e que o professor deve estar preparado para adaptar a sua prática e para isso é preciso “jogo de cintura”.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Habilidade esta que não falta na professora regente da turma, na qual estagiamos. Isso demonstra que é atuando que aprendemos a resolver situações que surgem no decorrer da nossa prática em sala de aula. E foi através da relação, que se baseou numa parceria de troca de conhecimentos, estabelecida com a mesma que aprendemos a profissão com quem já exerce o magistério.

Todas as experiências vividas no espaço da escola, por meio do período de estágio, contribuíram para a construção da nossa identidade profissional enquanto professoras, bem como foi permitido perceber a nossa atuação. Com isso, chegamos a conclusão de que há momentos na dinâmica da sala de aula que as teorias pedagógicas que defendíamos nas discussões da academia se tornam falhas a depender da situação, e que o professor diante da sua necessidade consegue elaborar técnicas particulares para entender e lidar com cada aluno.

Dessa forma, o medo e a insegurança se aliaram ao desejo de construir com veracidade um estágio que em todos os instantes se pautou no compromisso de possibilitar o cumprimento da carga horária, não apenas de maneira formal, mas a partir de uma concepção que adequou teoria, prática e conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ANGOTTI, J. A.P. (1991). **Fragmentos e totalidades no conhecimento científico e no ensino de ciências**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP. Tese de Doutorado.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Ensino de primeira à quarta série**. Brasília: 1997.
- CAGLIARI, L. C. (1988). A leitura nas séries iniciais. In: Leitura: teoria & prática. **Revista semestral da associação de Leitura do Brasil**, n. 12, ano 7, Campinas-SP.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 47 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. (org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36, 2005.
- MORAIS, J. (1996). **A arte de ler**. UNESP.
- PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação. Série Saberes Pedagógicos).